

AGROECOLOGIA COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO NO SUDOESTE DO PARANÁ

Rogério Rech¹

¹ Mestre em Modelagem Matemática pela Unijuí, Mestrando em Desenvolvimento Regional pela UTFPR, Pós Graduado em Educação Matemática pela Facipal, Graduado em matemática pela Facipal. Professor da Famper nas disciplinas de Estatística e Pesquisa Operacional, Professor da Rede Estadual de Educação do Paraná e do Colégio SESI.

Endereço Eletrônico: rogeriorech@bol.com.br

1 APRESENTAÇÃO

O ponto de partida tem como referencial a importância da Agroecologia no desenvolvimento do Sudoeste do Paraná, partindo-se de uma interpretação inicial de que a Agricultura Ecológica tem a própria idade da agricultura, de tal forma que as relações iniciais de trabalho, feitas pelos ancestrais quando ainda subiam em árvores, já trazia consigo uma atividade quase que instintiva de preservação.

Admitindo o evolucionismo, concorda-se com Engels (1876), que ao se basear em Darwin sugere que a milhares de anos, não especificando com precisão uma data, existiu uma espécie de macacos antropomorfos extraordinariamente desenvolvidos, com enormes pelos no corpo e orelhas pontiagudas, andando sobre as árvores e vivendo em manadas.

Subindo nas árvores e usando as mãos, com funções distintas dos pés, conseguiu as habilidades, prescindindo dos membros inferiores para caminhar, o que os tornou eretos, diferenciando-se dos outros primatas. O uso das mãos na captura dos alimentos desempenhava papel fundamental, se aproximando do que seria o trabalho humano, assim era um exercício de sobrevivência buscar na natureza o alimento, criando ferramentas como as pedras que utilizava para arremessar nas frutas e nos inimigos.

Isto mostra uma fase primitiva, quase que instintiva, da espécie humana, que enquanto nômades, não tinha a apropriação do espaço, o que mudou radicalmente, quando do sedentarismo, garantindo a posse de um determinado grupo por uma porção de terra, a ideia de ser dono, mesmo que de forma coletiva, de um local geográfico.

Esta capacidade de se fixar e antever o futuro também o diferenciou dos primatas: enquanto aqueles se alimentavam em uma região e partiam para outra, estes começaram a utilizar as sementes e criar os animais garantindo proteína não apenas da caça. Esta evolução garantiu tempo para se construir ferramentas de tecelagem. As

primeiras tribos viram que os estados e a criação dos primeiros animais permitiu o início da fiação entre os artesãos e se se considerar o mundo ocidental, mais especificamente na Inglaterra, a junção destes tecelões permitiu a industrialização e a exploração do trabalho humano.

Considera-se a título de estudo o momento do início de uma nova forma de agricultura, nos termos da modernidade, onde a indústria começa a ter papel decisivo no processo agrícola, os insumos sintéticos potencializam a produção e a monetarização, as ferramentas de troca são quase que extintas e com isso as formas de distribuição de alimentos passa pelo capital na medida em que até o trabalho humano vira mercadoria.

É evidente que por mais que a modernização possa ser hegemônica, ela não foi uniforme, isto quer dizer que nem todas as regiões do planeta optaram por uma única forma de produção. Considerando ainda que dentro de uma análise positiva, em que se mitigou a fome, ela ainda continua sendo um grande problema da humanidade, promessa da Agricultura Moderna de que isto seria a solução para todos os males de longe parece um consenso.

Neste enfoque e considerando a não uniformidade do processo de produção tem-se na linha da contraposição a Agroecologia que pode ser definida a partir da Agricultura Convencional. Este sentido se dá pelo fato que, em sua origem, toda agricultura foi ecológica, e neste sentido poderia ser simplesmente agricultura.

2 AGRICULTURA CONVENCIONAL E AGROECOLOGIA

Este não é apenas um exercício comparativo, quando se alerta que é ultrapassada a ideia que nada é melhor ou pior exceto por comparação. É na perspectiva de uma análise conjuntural, que se encaminha este espaço de análise. Neste viés é salutar acrescentar diferenças entre Agroecologia e Agricultura Convencional e as implicações no desenvolvimento do Sudoeste do Paraná.

Como elucidativo da Agricultura Convencional faz-se necessário discorrer sobre o que se denominou no Brasil de Revolução Verde. Este processo se inicia no Sudoeste do Paraná a partir dos sessenta do século passado, quando os agricultores tem acesso aos documentos oficiais de propriedade. Por aí já é possível perceber a importância da entrada de capital para financiar a Agricultura.

Tentando balizar a questão desta forma de política estatal, tem-se que se por um lado aumentou-se a produtividade por outro se abriu uma *cratera* que vitimou os

produtores. Isto se refletiu em questões como o desmatamento e a mecanização, a erosão e empobrecimento do solo, a acumulação de capital pelas grandes empresas nacionais e o repasse para países do Norte, ao que se acrescenta o êxodo rural que transferiu camponeses despreparados para o mundo urbano.

Outra questão foi a automática perda do patrimônio cultural e genético: o primeiro representado pelas relações não necessariamente mercantis, o segundo pela perda da diversidade das sementes, um custo histórico de difícil reparo, restando uma proposição ao Sudoeste para produção de *commodities* com baixa agregação de valores e sujeitas às imperfeições do mercado externo.

É evidente e salutar que se diga que a resiliência e a resistência da região sempre foram reconhecidas historicamente. Na Agricultura isto não é e não foi diferente. Cita-se aqui a relevância do trabalho da Associação de Estudos e Orientação Rural (Assesoar), os Sindicatos Combativos dos Trabalhadores Rurais e setores da Igreja Católica que passam assumir um discurso de cautela perante o avassalador. Esta defesa, enquanto proposição, se efetiva em uma formação dos produtores para manutenção de tecnologias. Cita-se também as Escolas Comunitárias de Agricultores (ECAs), onde a Assesoar se torna a primeira a falar em ecologia.

O resultado desse processo é a construção de referências em produção diferenciada, um exemplo é a soja e o açúcar mascavo, orgânicos pela definição de não uso de insumos com base de petróleo e que o sistema não se utiliza de agroquímicos, herbicidas e inseticidas. Neste sentido parece razoável admitir que para a região o termo Agricultura Orgânica está mais atrelado à exportação de produtos agrícolas sem componentes químicos, um pouco diferente do que se entende por Agroecologia.

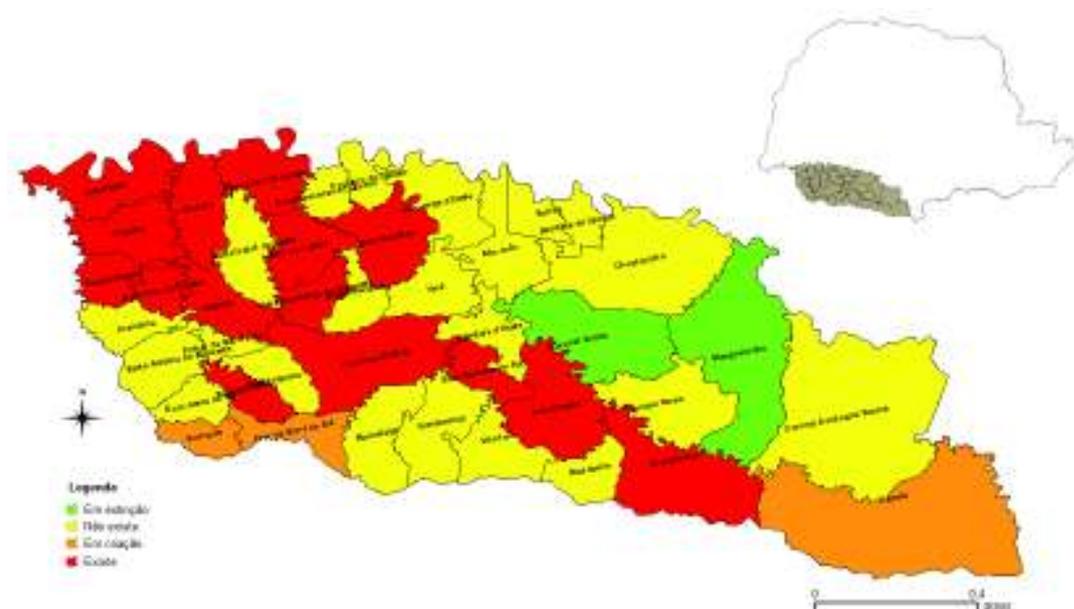
Altieri (2009) sugere que Agroecologia abarca um entendimento a partir do ecológico e do social, respeita a sabedoria e habilidade dos camponeses, e que o rendimento dos sistemas está associado ao equilíbrio entre seres bióticos e abióticos. O autor prossegue mostrando que tal agricultura não busca causar danos desnecessários e irreparáveis, colocando ainda a perspectiva social, no sentido do empoderamento dos produtores e em uma nova perspectiva social que garanta um caráter mais igualitário e distributivo.

3 FEIRAS LIVRES DO SUDOESTE DO PARANÁ

É coerente admitir que a maioria das Feiras Livres no Sudoeste do Paraná está vinculada à Agroecologia.

Na busca deste ilustrativo tem-se um trabalho de campo que evidencia a existência dessas feiras com interpretações sobre sua relevância como estratégia para o desenvolvimento regional. A figura 01, abaixo, mostra os locais da existência das Feiras, estudo realizado como parte da dissertação de mestrado em Desenvolvimento Regional pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Figura 01: Quanto à existência de Feira-Livre no Sudoeste do Paraná.



Fonte: Trabalho de Campo Realizado em 2010

O trabalho se organizou a partir de visitas *in locus* e entrevistas com lideranças das entidades.

O primeiro cenário de distribuição geográfica das Feiras Livres, se percebe, de acordo com a legenda, na existência destas em Clevelândia, Pato Branco, Bom Sucesso do Sul, Francisco Beltrão, Salgado Filho, Ampére, Nova Esperança do Sudoeste, Dois Vizinhos, Salto do Lontra, Nova prata do Iguaçu, Realeza, Boa Vista da Caroba, Pérola do Oeste, Planalto e Capanema.

De posse deste mapa e na tentativa de interpretar a ocorrência das Feiras em um espaço geográfico mais específico, se tem uma aglomeração indo de Francisco Beltrão para o Oeste do Paraná, em direção à fronteira.

Buscando-se a interpretação, devolvendo o mapa e conversando com produtores, geógrafos, agricultores e lideranças regionais, houve a conversão para três possíveis explicações, sendo importante dizer que alguns dos entrevistados não perceberam correlação.

A primeira e a segunda explicações são complementares: os produtores se reportam a década de noventa do século passado, onde alguns estudaram nas Escolas Comunitárias de Agricultores (ECAs), uma escola em períodos de alternância, onde os produtores fazem formação em momentos de escola e momentos na propriedade. Eram utilizadas as estruturas da própria localidade, como os pavilhões, sendo que isto diminuía os custos. Os produtores ficavam uma semana na formação onde aprendiam questões da agricultura, da organização, da disseminação e do aproveitamento do seu saber, da partilha, da busca de alternativas e entre elas a questão da comercialização, além de existir ainda um espaço chamado de transversal para as disciplinas de português e matemática.

Esta escola tinha recursos da solidariedade internacional, como cita Duarte (2008, p. 32), e a participação de várias entidades, entre elas a Assesoar que, de certa forma, protagonizava a formação, além do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR). A partir disto, vem então, a segunda interpretação apresentada, que diz respeito a estes Sindicatos dos Trabalhadores da região onde se encontra a concentração das Feiras, a oeste de Francisco Beltrão, tendo eles assumido uma posição mais combativa do que assistencialista a partir dos anos oitenta do século passado, filiando-se a Central Única dos Trabalhadores (CUT), demonstrando interesse na comercialização e ocupação do espaço público. Isto ainda é visível, com Feiras que inclusive tem a sede no Sindicato ou que funcionam com apoio da instituição.

Uma terceira possibilidade então é de que a Revolução Verde não teria atingido com tanto impacto esses municípios a oeste, isto se reforça também em função da declividade dos municípios da fronteira, do tipo de solo e da orientação para a precaução pelas entidades que organizavam a assessoria, de tal forma então que a permanência do potencial genético e cultural, das receitas e sementes, ainda da resistência ao hegemônico são características que aparecem entre os feirantes, tornando eles protagonistas de uma nova perspectiva social e de fortalecimento da agricultura familiar, uma consequência das práticas agroecológicas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto demonstrou mesmo que de forma rudimentar uma explicação para duas formas de agricultura, considerou a Agroecologia como estratégica para o Sudoeste do Paraná, sendo que o autor percebe nos feirantes a validação da construção de uma nova perspectiva social e do fortalecimento de práticas agrícolas que preservam o ambiente, produzem alimentos e aproximam diferenças econômicas.

REFERÊNCIAS

Altieri, Miguel. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. Bento Gonçalves: Agropecuária, 2002. 592 p.

Duarte, Valdir Pereira. Escolas públicas do campo. Francisco Beltrão: Grafit, 2002.

REFERÊNCIAS RELACIONADAS

Alves, Adilson *et al.* **Impacto das Agroindústrias Integradoras na Agricultura Familiar do Sudoeste do Paraná. Espaço e Território.** Francisco Beltrão, v.1, n.1, p. 141- 164, dez. 2005.

Asclerad, Henri. Justiça Ambiental e Construção do Risco. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 5. p. 49-60.jan/jun.2002. Editora UFPR.

Bíblia Sagrada, Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Erechim: Edelbra, 1979. 1102 p.

Boneti, Lindomar Wesler. Formação e Apropriação do Espaço Territorial do Sudoeste do Paraná. In: **Espaço e Território.** Francisco Beltrão: Unioeste, 2005.

Cury *et al.* **O Programa Empreendedor Rural**, Curitiba: Sebrae – PR e Senar – PR, 2009.

Delgado, Guilherme Costa. **Capital Financeiro e Agricultura no Brasil: 1965-1985.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1985.

Duarte, Valdir Pereira. **Contexto e Referencial Interpretativo do Sudoeste do Paraná.** Francisco Beltrão: Assesoar, 2010.

Duarte, Valdir Pereira. **Construindo Escola na Roça.** Francisco Beltrão: ADMR, 1997.

Dambros, Vanderlei. **Relatório da Audiência Pública sobre Legislação Ambiental**, Disponível em:

<http://www.assesoar.org.br/index.php?sc=SA011&sa=SA012&codPublicacao=ACA00047&codIdioma=1> Acesso em: 21 de junho de 2010.

Elíade, Mircea. **O Sagrado e o Profano: A essência das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Godoy, Wilson Itamar. **As feiras-livres de Pelotas-RS: Estudo sobre a dimensão sócio-econômica de um sistema local de comercialização**. Pelotas: UFPEL, 2005. – 284p. Tese de Doutorado (Doutorado em Produção Vegetal). Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2005.

Gomes, Marcelo Bolshaw. **A Cultura como Dupla Mediação Social e a tese das três mudanças estruturais na sociedade contemporânea**. *Contrapontos*, Itajaí (SC), v. 5, n. 1, p. 109-124, 2005.

Kautsky, Karl. **A questão agrária**. Porto: Portucalense editora. 1972. (original alemão de 1898). Cap VI. “Grande exploração e pequena exploração”.

Leff, Enrique. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

Lenoir, Yves. Pesquisar e Formar: Repensar o lugar e a função da Prática de Ensino. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 97, p. 1299 – 1325 set/dez 2006.

Lewis, Arthur W. **O desenvolvimento econômico com oferta ilimitada de mão-de-obra**. In: **Agarwala e Singh: A economia do Subdesenvolvimento**. SP/RJ, Forense, (1969) 1986.

Lüdke, Menga; André, Marli Elisa **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

Marx, Karl. **O capital: Crítica da Economia Política**. Tradução: Reginaldo Sant’ Ana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, v.1. cap. 1 - 12. Tradução de: *Das kapital: kritik der politischen ökonomie*, 1890.

Macarenhas, Gilmar; Dolzani, Mirian. **Feira Livre: Territorialidade Popular e Cultura na Metrópole Contemporânea**. In: **Ateliê Geográfico**. Goiânia-GO. v. 2, n. 4.agos/2008 p.72-87, página 72.

Montumura, Marina. **Porque os Dias da Semana têm Feira no Nome?** Disponível em: http://mundoestranho.abril.com.br/cotidiano/pergunta_287767.shtml
Acesso em: 07 de Agosto de 2010.

Padilha, Valquíria. **A Sociologia Vai ao Shopping Center**. São Paulo, Boitempo, 2006. Disponível em: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/maio2006/ju324pag11.html. Acesso em: 07 de Agosto de 2010.

Perondi, Miguel Angelo, **Diversificação dos Meios de Vida e Mercantilização da Agricultura Familiar**. 2007. 224 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

PLANO TERRITORIAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL DO SUDOESTE DO PARANÁ – SUDOESTE DO PARANÁ, Editora Grafitt, 2007.

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL (PPGDR, 2010), Disponível em: <http://200.134.81.38/ppgdr> Acesso em: 20 de junho de 2010.

Putnam, Robert. **Comunidade e Democracia**. Rio Grande do Sul, FGV, 1996.

Rech, Rogério. **Estudo Comparativo entre Famílias que Utilizam e não Utilizam a Produção Orgânica na Localidade de Jacutinga – PR**. Palmas: Facipal, 2001, 30 p. Monografia (Lato Sensu) – Programa de Filosofia, Ciências e Letras de Palmas, Setor de Pós – Graduação; Facipal, Palmas, 2001.

Rech, Rogério, *et al.* **Escola Pública do Campo**. Francisco Beltrão: Grafit, 2000, v.1. p.78.

Rech, Rogério. **Análise de Viabilidades dos Sistemas Agroecológicos de Ipê – RS Através da Programação Matemática**. Ijuí: Editora Unijuí, 2004, 222 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós – Graduação em Educação, Universidade Regional do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2004.

Rech, Rogério, *et al.* **Educação Integral**. Brasília: 2003, v.1. p.60.

Rech, Rogério, *et al.* **Por uma educação pública do campo**. Francisco Beltrão: Assessorar, 2004, v.1.p. 102.

Ricardo, David. **Princípios de Economia Política e Tributação**. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996.

Richardson, Roberto Jarry. **Pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1985.

Schultz, T. A **Transformação da agricultura tradicional**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

Sennet, Richard. **A cultura do Novo Capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

Souza, Luís Gonzaga. Memórias de Economia: **Uma Realidade Brasileira**. Biblioteca Virtual, 2010. Disponível em: <http://www.eumed.net/cursecon/libreria/index.htm>. Acesso em 03 de junho de 2010.

Triviños, Augusto. N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Woolcock, Michael. Social Capital and Development: Toward Synthesis in Policy Framework, *In*